

A trajetória de vida de Judith Cortesão através de seu arquivo pessoal

The life trajectory of Judith Cortesão through her personal archive

¹Vania da Costa Machado

¹vaniacostam@gmail.com, Universidade Federal de Pelotas

Resumo

O presente trabalho é fruto da pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Pelotas, na qual pesquisa-se a trajetória profissional da professora Dr.^a Maria Judith Zuzarte Cortesão, a partir do seu arquivo pessoal, bem como busca-se analisar o processo de institucionalização desse acervo. Pretende-se, neste artigo, abordar os arquivos pessoais enquanto suporte da memória e de representação de seus titulares, nos mais diversos papéis sociais que estes tenham desempenhado ao longo de suas trajetórias de vida, além de buscar elucidar conceitos como de *trajetória de vida*, *história de vida* e *biografia*.

Palavras-Chave: Maria Judith Zuzarte Cortesão, trajetória de vida, história de vida, biografia, arquivos pessoais.

Abstract

This work is the result of the research developed in the Postgraduate Program in Social Memory and Cultural Patrimony of the Federal University of Pelotas, in which I research the professional career of the female professor Dr. Maria Judith Zuzarte Cortesão, through her personal archive, and I seek to analyze the institutionalization process of this collection. In this article, I intend to approach the personal archives while support of the memory and of representation of their holders in the various social roles that they played throughout their life trajectories, as well as I seek to elucidate the concepts of *life trajectory*, *life history* and *biography*.

Keywords: Maria Judith Zuzarte Cortesão, life trajectory, life history, biography, personal archive.

1. Introdução

O presente trabalho é fruto da pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Pelotas, na qual pesquisa-se a trajetória profissional da professora Dr.^a Maria Judith Zuzarte Cortesão, a partir do seu arquivo pessoal, e o processo institucionalização desse acervo.

Neste artigo, busca-se abordar os arquivos pessoais enquanto suporte da memória e de representação de seus titulares, nos mais diversos papéis sociais que estes tenham desempenhado ao longo de suas trajetórias de vida, além de buscar elucidar conceitos como *trajetória de vida*, *história de vida*, *história oral* e *biografia*. Inicialmente será exposto um pequeno resumo biográfico e uma rápida sumarização de algumas das principais ações engendradas pela professora Judith Cortesão ao longo de sua trajetória profissional, além de retratar, também de forma sucinta, o processo de institucionalização de seu acervo.

Maria Judith Zuzarte Cortesão foi uma ambientalista¹, pesquisadora e educadora reconhecida internacionalmente, nascida em 1914, na cidade do Porto, em Portugal, filha do historiador Jaime Zuzarte Cortesão e de Carolina Cortesão Ferreira. Em virtude das perseguições sofridas por sua família em Portugal pelo governo ditatorial de António Salazar, Judith Cortesão morou em diversos países até transferir-se para o Brasil, juntamente com sua família, no início dos anos 1940, onde casou-se, em 1947, com o filósofo e poeta português Agostinho da Silva, com quem teve seis filhos, sendo dois adotivos. Graduada em Letras, Medicina, Biologia, Climatologia, Antropologia, Meteorologia e Biblioteconomia, Judith Cortesão dominava 14 idiomas e lecionou em diversas universidades até estabelecer-se na cidade do Rio Grande, no início da década de 1990, onde atuou na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) como professora visitante do Mestrado em Educação Ambiental e consultora técnica do Museu Oceanográfico (ANTIGOS..., 2010; GONÇALVES, 1999; SCHAFFNER, 2002).

Ao longo de sua trajetória, escreveu dezesseis livros, entre os mais conhecidos estão “*Juréia, a luta pela vida*” (1989) e “*Mata Atlântica*” (1990), participou da primeira viagem brasileira ao continente Antártico (1982-83), como representante da Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA)² do Ministério do Interior, oportunidade em que coordenou quarenta projetos de pesquisa (O BRASIL..., 1983); coordenou a Subcomissão do Meio Ambiente para a Constituinte, em 1986; foi uma das fundadoras da ONG *S.O.S Mata Atlântica*³ (criada em 1986, na cidade de São Paulo), do *Instituto Acqua*⁴ (criado em 1999, no Rio de Janeiro), e uma das criadoras do programa *Globo Ecologia*⁵ (1990). (CORTESÃO, 1998; SANTOS, 1999).

¹ Manuel Castells (2001 p. 143) define o ambientalismo como “formas de comportamento coletivo que em seus discursos como na prática, visam corrigir formas destrutivas de relacionamento entre o homem e seu ambiente natural, contrariando a lógica estrutural e institucional predominante”. O movimento ambientalista começou a tomar vulto a partir da década de 50 e 60, nos países de primeiro mundo, e década de 80 e 90 em países mais pobres, como o Brasil (<http://www.ecologia.dbi.ufla.br>).

² Criada no âmbito do Ministério do Interior, pelo Decreto nº 73.030, de 30 de outubro de 1973, a Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA) tinha como objetivo a conservação do meio ambiente e o uso racional dos recursos naturais. (BRASIL, 1973, p. 11024). A partir da fusão da SEMA com outros órgãos do Governo Federal voltados para a questão ambiental, foi criado, em 1989, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente – IBAMA (<http://www.ibama.gov.br>).

³ <https://www.sosma.org.br/>

⁴ <http://www.institutoacqua.org.br>.

⁵ Veiculado pela Rede Globo, o programa estreou em 04 de novembro de 1990 e foi pioneiro na TV brasileira por abordar temas ambientais. A partir de 2011, o *Globo Ecologia* passou a fazer parte do *Globo Cidadania*, atração que reúne outros cinco programas da TV Globo. (<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/globo-ecologia/globo-ecologia-evolucao.htm>).

Como reconhecimento pelas ações que engendrou ao longo de sua vida, Judith Cortesão recebeu diversos prêmios e distinções, entre eles: Prêmio Muriqui⁶, da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, em 2000, reconhecido como uma das mais importantes homenagens às ações ambientais no país; Ordem do Mérito Cultural⁷, concedida em 2003, pelo Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva e pelo Ministro da Cultura, Gilberto Gil, que homenageia personalidades e instituições voltadas à valorização da cultura; condecoração da NASA (National Aeronautics and Space Administration) por sua dedicação ao intercâmbio científico internacional, recebendo uma medalha feita a partir de um metal trazido do espaço pela nave Columbia (MENIN, 2000); Medalha do Mérito Ambiental, concedida em 2009, pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA), em reconhecimento pela relevante contribuição à causa ambiental (INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS, 2009).

Na FURG foi professora visitante do curso de Mestrado em Educação Ambiental, como já mencionado anteriormente, entre o período de março de 1994 e abril de 2001 (FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE, 1994, 2001). Durante o período em que atuou na FURG, Judith Cortesão desenvolveu diversos projetos e pesquisas na Estação Ecológica do Taim, teve participação direta na criação do Museu Antártico e também prestou consultoria ao Museu Oceanográfico Professor Eliezer de Carvalho Rios e ao Eco-Museu da Ilha da Pólvora. Dentre os diversos projetos que desenvolveu, destacam-se: Projeto Asas Polares, que visava proteger áreas de população e reprodução de aves marinhas migratórias; Projeto de Educação Ambiental para a Primeira Infância; Programa Mar de Dentro, com o objetivo de despoluir e preservar as águas da Lagoa dos Patos e seus ecossistemas; Projeto Meninos do Mar, voltado para crianças e adolescentes carentes, promovendo oficinas profissionalizantes, que deu origem ao Centro de Convivência dos Meninos do Mar, que hoje integra o Complexo de Museus e Centros Associados da FURG; Projeto “Viva o mar, viva o povo que vive do mar!”, que propunha a alfabetização de pescadores a partir da vivência do próprio ambiente dos homens e mulheres pescadoras, que resultou em uma cartilha de alfabetização e também em uma série para TV em treze episódios; exerceu importante contribuição na gestão e em ações com vistas à criação da Área de Preservação Ambiental da Lagoa Verde, situada próximo à estrada que liga a cidade do Rio Grande à praia do Cassino⁸.

⁶ www.rbma.org.br/rbma/rbma_4_premio_muriqui.asp.

⁷ www.cultura.gov.br/ordem-do-merito-cultural-2003.

⁸ Informações obtidas a partir de pesquisa realizada nos documentos do arquivo pessoal da professora Judith Cortesão e entrevistas realizadas com ex-alunos e amigos.

Em 14 de novembro de 2001, Judith Cortesão recebeu o Título de Cidadã Rio-grandina, concedido pela Câmara Municipal de Vereadores de Rio Grande⁹ por sua atuação destacada nas áreas de Educação, Meio Ambiente e Cultura. Permaneceu em Rio Grande até o ano de 2003, quando mudou-se para Genebra, na Suíça, onde veio a falecer no dia 25 de setembro de 2007, aos 92 anos de idade (MORRE..., 2007). Judith Cortesão passou a integrar, em 2015, a 5ª edição das *Pioneiras da Ciência no Brasil*¹⁰, uma iniciativa do Programa Mulher e Ciência, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que tem por objetivo divulgar o trabalho de cientistas e pesquisadoras brasileiras que contribuíram de forma relevante para o desenvolvimento científico e a formação de recursos humanos para a ciência e tecnologia no Brasil, nas mais diferentes áreas do conhecimento, visando, dessa forma, preservar a história e a memória dessas pesquisadoras e cientistas.

Com sua partida para a Suíça, a professora Judith doou seu acervo pessoal à Universidade Federal do Rio Grande. Em 2003, houve uma tentativa de criação da Casa Judith Cortesão dos Povos de Língua Portuguesa no Sobrado dos Azulejos¹¹, articulada por Manuel Touguinha, amigo de Judith Cortesão, e Marcelo Ferraz, então coordenador do Programa Monumenta, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (NAHAS, 2008, p. 598), na qual foi assinado um protocolo de intenções pelo então Ministro da Cultura, Gilberto Gil, para criação do memorial (MINISTRO..., 2003). Infelizmente, o projeto não foi levado adiante e desde maio de 2006 está instalada, no Sobrado dos Azulejos, a Secretaria Municipal de Educação.

No ano de 2006, é criada, então, a Biblioteca Setorial de Pós-Graduação em Educação Ambiental Sala Verde Judith Cortesão com o objetivo de abrigar o acervo da professora, bem como diversas outras obras sobre a temática ambiental, além de funcionar como um espaço de articulação e implementação de ações ambientais entre a universidade, a escola e a comunidade (FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, 2006). O referido acervo constitui-se de cerca de quatro mil itens (FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, 2005), que durante o seu tratamento, foram divididos em três categorias: acervo bibliográfico (livros, periódicos, teses, dissertações, CDs, DVDs, etc.), acervo arquivístico (correspondências, projetos, fotografias, relatórios, currículo, documentos

⁹ A cópia do diploma que concede o Título de Cidadã Rio-Grandina à Dr.^a Judith Cortesão foi cedida por Adriane Lobo, ex-aluna da professora no curso de Mestrado em Educação Ambiental da FURG, entrevistada em 30 de março de 2015 para o desenvolvimento dessa pesquisa.

¹⁰ <http://www.cnpq.br/web/guest/pioneiras-da-ciencia-do-brasil5>.

¹¹ Prédio histórico da cidade do Rio Grande, construído em 1862, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (Iphae) em 1987 e restaurado entre os anos 2000 e 2001. (<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=15627>).

de registro civil, etc.) e objetos museológicos. A parte bibliográfica do acervo está organizada e disponível para a consulta pública na Biblioteca Sala Verde Judith Cortesão, já a parte arquivística encontra-se acondicionada em estantes e caixas em outro prédio da Universidade, em razão da falta de espaço na sala que abriga a biblioteca, e não está disponível para consulta pública. Os objetos que compunham o acervo, juntamente com alguns documentos, foram encaminhados ao Núcleo de Memória Engenheiro Francisco Martins Bastos da FURG (NUME), que por sua vez os encaminhou ao Museu Oceanográfico da FURG, conforme documentação obtida no NUME (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, 2008).

2. Considerações sobre biografia, trajetória de vida e história de vida.

Para melhor definir algumas expressões utilizadas e esclarecer ao leitor o sentido em que esses termos estão sendo abordados nesse trabalho, serão apresentados a seguir alguns conceitos a respeito dos termos *biografia*, *história de vida* e *trajetória de vida*. No entanto, não pretende-se, aqui, a exaustão das definições concernentes a esses termos, nem tampouco, a confrontação entre autores, já que são diversas as abordagens possíveis e estas variam de acordo com a área do conhecimento a partir da qual essa abordagem é feita. A partir da apresentação dessas definições busca-se, apenas, identificar características divergentes, semelhantes e/ou complementares entre eles.

Segundo Azevedo (2000), a primeira diferença entre *história de vida* e *biografia* a ser observada seria do ponto de vista metodológico, pois embora ambas trabalhem na (re)construção de trajetórias individuais, apresentam características próprias. De acordo com a autora, o trabalho de construção de uma *história de vida* consiste primordialmente na coleta de depoimentos, mas não deve, no entanto, ater-se somente a reunião e ordenação cronológica dos acontecimentos vividos pelo indivíduo, deve buscar também os seus significados. Também para Bourdieu (2006, p. 190) a análise dos processos sociais que envolvem a construção de uma história de vida é fundamental, pois segundo ele não é possível compreender uma trajetória sem que se construa previamente o que ele chama de “superfície social”, ou seja, o contexto dos diferentes campos em que age o indivíduo.

Para Jacques Léon Marre (1991, p. 89), a *história de vida* deve ser “parte essencial de um método biográfico, cujo objetivo seja – a partir da totalidade sintética que é o discurso específico de um indivíduo – reconstruir uma experiência humana vivida em grupo e de tendência universal”.

Já em relação à *biografia*, Born (2001, p. 243) afirma que esta trata

da interpretação subjetiva da trajetória da própria vida de uma pessoa. A biografia não apenas inclui o local dos acontecimentos, mas também a sua opinião, os motivos, planos para o futuro, assim como a percepção/interpretação do passado. [...]Portanto, as biografias são interpretações subjetivas de experiências individuais.

Sendo assim, se, por um lado, a *história de vida* constitui-se no relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, com a intermediação de um pesquisador, e está centrada na individualidade do ser, a *biografia*, por outro, se define como a história de um indivíduo redigida por outro e situa-se na confluência do ser enquanto indivíduo com o ser social, combinando a condição de indivíduo de cidadão. Apesar das divergências, no entanto, a construção de uma biografia não pode prescindir das histórias de vida, embora não fique restrita a ela (AZEVEDO, 2000; PEREIRA, 2000).

No que diz respeito à *trajetória de vida*, Born (2001, p. 241) a descreve “como um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa. Normalmente é determinada pela frequência dos acontecimentos, pela duração e localização dessas existências ao longo de uma vida”.

Bourdieu (2006, p. 189, grifo do autor), define a noção de *trajetória* como “uma série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou mesmo grupo) num espaço que é ele próprio em devir, estando sujeito a incessantes transformações” e o nome próprio seria a marca identitária constante e durável, que garantiria a identidade do indivíduo em todos os campos possíveis onde ele intervém como agente, assegurando a constância através do tempo e a unidade através dos espaços sociais.

Gonçalves e Lisboa (2006, p. 5) utilizam-se da reflexão da autora alemã Dausien (1996) para definir o termo. De acordo com as autoras (apud DAUSIEN, 1996), a *trajetória de vida* “é denominada cientificamente de ‘transcurso’, pois analisa mudanças sociais, passagens de status, de situação econômica, de atividades profissionais, utilizam-se datas significativas, períodos, números”, relacionando, dessa forma, aspectos quantitativos e qualitativos em uma mesma abordagem. Segundo as autoras, as *trajetórias de vida* consistiriam em um determinado percurso ou ciclo da vida do indivíduo (trajetória profissional, trajetória acadêmica) e seriam partes constituintes de uma *História de Vida* e de uma *Biografia*.

3. Arquivos pessoais e trajetórias de vida

Ao longo de nossa vida acumulamos diversos documentos resultantes de nossas atividades em sociedade: contratos, recibos, comprovantes de renda, de residência,

contracheques, diplomas, certificados. A sociedade atual exige que arquivemos documentos a fim de comprovarmos quem somos, onde vivemos, o que possuímos. Para que possamos estar inseridos socialmente, para que continuemos a existir em sociedade é preciso, a todo o momento, apresentar papéis, documentos, registros, sob pena de não termos acesso aos nossos direitos civis e sermos excluídos dessa sociedade (ARTIÈRES, 1998).

Esse é, sem dúvida, um dos fatores, que nos levam a constituir arquivos, mas não o único. Não arquivamos documentos apenas pela sua funcionalidade. Guardamos para não esquecer (ou para que não sejamos esquecidos), guardamos para lembrar, guardamos aquilo que nos identifica: fotografias, cartas, objetos que nos remetem a nossa origem, que dizem de onde viemos, pois arquivar é também uma forma de preservar nossa identidade, nossa descendência. Conforme Artières, (1998, p. 14), a “exigência do arquivamento de si não tem somente uma função ocasional. O indivíduo deve manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida [...] para recordar e tirar lições do passado, para preparar o futuro, mas sobretudo para existir no cotidiano”.

Na definição de Oliveira (2012), arquivos pessoais são

um conjunto de documentos produzidos, ou recebidos, e mantidos por uma pessoa física ao longo de sua vida e em decorrência de suas atividades e função social. Esses documentos, em qualquer forma ou suporte, representam a vida de seu titular, suas redes de relacionamento pessoal ou de negócios. Representam também o seu íntimo, suas obras etc. São, obviamente, registros de seu papel na sociedade, num sentido amplo. (OLIVEIRA, 2012, p. 33)

Mesmo que inicialmente tenha o caráter apenas de comprovação ou em razão de sua funcionalidade, a composição de um arquivo pessoal parte sempre de uma “vontade de guardar” (VIANNA; LISSOVSKY; SÁ, 1986), de “uma intenção deliberada de reter e acumular” (HEYMANN, 1997, p. 61). No entanto, retemos e conservamos apenas uma ínfima parte de todos os registros documentais que geramos ao longo de nossa vida, pois, assim como seria impossível recordarmos de todos os acontecimentos que ocorreram ao longo do transcurso de nossa existência, seria igualmente impossível armazenarmos todos os documentos produzidos e recebidos por nós ou que simplesmente passaram por nossas mãos.

Dessa forma, o que fazemos é a seleção de alguns elementos que, segundo critérios muito subjetivos e que, normalmente, alteram-se com o passar do tempo, de alguma forma nos são significativos, “fazemos triagens nos nossos papéis: guardamos alguns, jogamos fora outros; damos arrumações quando nos mudamos, antes de sairmos de férias. [...] Essas triagens são guiadas por intenções sucessivas e às vezes contraditórias” (ARTIÈRES, 1998, p. 10).

Não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens. (ARTIÈRES, 1998, p. 11)

Essas intenções que norteiam a seleção dos documentos constituintes de um arquivo pessoal infringem, segundo alguns autores (ARTIÈRES, 1998, HEYMANN, 2013; FRAIZ, 1998; McKEMMISH, 1996), um caráter autobiográfico aos arquivos pessoais, já que, ainda que seu titular não tenha se dedicado a manter um diário ou mesmo apontamentos sobre sua vida, o processo de arquivamento pessoal, a intenção acumuladora presente nos critérios que o guiaram na eleição dos elementos que seriam importantes e representativos a tal ponto de serem preservados ou, pelo contrário, irrelevantes que pudessem ser descartados ou, ainda, dolorosos, traumáticos, perniciosos que precisassem ser silenciados, estariam relacionados a uma espécie de “testemunho de si” (McKEMMISH, 1996) ou a uma modalidade de “produção do eu” (FRAIZ, 1998).

Arquivos pessoais situam-se, dessa forma, “entre registros do vivido e escrita de si” (HEYMANN, 2009, p. 2), já que não se pode associar todos os documentos constituintes de um arquivo a uma “vontade de memória”, pois são, também, o resultado de uma atividade profissional ou cultural específica de seu titular e, portanto, representam e registram as diversas funções sociais desempenhadas pelo seu produtor ao longo de sua trajetória e, por outro lado, não se pode ignorar as dimensões subjetiva, identitária e memorial presentes no processo de acumulação desses elementos.

No entanto, conforme alerta Heymann (1997, p. 44), se por um lado “é importante não perder de vista a imbricação entre titular e arquivo e o próprio processo de acumulação”, por outro lado, uma associação ingênua entre esses elementos poderia levar a, pelo menos, dois equívocos. O primeiro equívoco, segundo a autora, seria “imaginar o arquivo pessoal como espelho da trajetória de seu titular” (HEYMANN, 1997, p. 44), já que, não raro, a documentação que constitui um arquivo pessoal não abarca todas as atividades desenvolvidas pelo seu autor nem todas as suas esferas de atuação, além de apresentar restrições quanto ao período de vida coberto, não correspondendo, dessa forma, à totalidade de suas ações, ou, ao contrário, os registros acumulados podem perpassar a importância da biografia do próprio titular. O segundo, seria “imaginar o arquivo como ‘a memória’, em estado bruto, de seu titular, como resultado de uma seleção estabelecida definitivamente por ele quanto ao que preservar e de que maneira” (HEYMANN, 1997, p. 44), pois percebe-se que estes acervos estão sujeitos, ao longo do tempo, a novos rearranjos e seleções feitos tanto por agentes

externos como família, amigos, secretários e os próprios administradores do arquivo, no caso de arquivos custodiados por instituições, quanto pelo seu próprio autor, já que os critérios que orientam esses processos variam de acordo com avaliações, intenções e papéis sociais ocupados pelos indivíduos acumuladores em dado momento de sua trajetória de vida. Por essa razão, Heymann (2009, p. 32, grifo da autora) afirma que nos deparamos sempre com a “cristalização de um *momento* ou *situação* de memória, sempre demarcada pela posição social relativa ocupada pelo indivíduo, nunca com *a* memória” em sua totalidade.

A esse respeito Heymann (1997) e Gomes (1998), relacionam a “ilusão biográfica”, crítica apresentada por Bourdieu (2006) a respeito das histórias de vida, à “ilusão da verdade” (Gomes, 1998, p. 126) ou “ilusão da totalidade” (Heymann, 1997, p. 44), gerada pelos arquivos pessoais.

Na reflexão feita por Bourdieu (2006), quando o indivíduo narra sua história de vida organizando-a segundo uma ordem cronológica, selecionando acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência e sequência lógica, estaria criando uma continuidade artificial, já que “o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisto, fora de propósito, aleatório”. (ROBBE-GRILLET, 1984, p. 208 apud BOURDIEU, 2006, p. 185). A “ilusão biográfica” seria fruto dessa narrativa baseada na criação artificial de sentido e que levaria a uma representação ou a uma produção de si mesmo. Ao traçar um paralelo, Heymann (1997, p. 45) afirma que, no caso dos arquivos pessoais, “a ideia de unidade poderia ser atribuída à ilusão de um acúmulo documental pautado sempre pelos mesmos critérios, concomitante e homogêneo com relação aos ‘fatos’ relevantes da vida do titular”, não levando-se em consideração o caráter arbitrário de acumulação desses conjuntos documentais, em razão dos interesses individuais do acumulador e dos diferentes momentos e situações em que estes são gerados e reunidos, as lacunas documentais que possam existir, a história de constituição do acervo nem as inúmeras interferências a que estão sujeitos. A associação dos arquivos pessoais a uma manifestação concreta da memória ou da trajetória individual dos seus titulares geraria o que Heymann (1997, p. 44) denomina a “ilusão de totalidade”, gerada pelos arquivos pessoais, em paralelo à “ilusão de coerência” presente nas histórias de vida.

Analisando o acervo da professora Judith Cortesão buscou-se identificar alguns dos vários fatores externos que podem, possivelmente, ter influenciado na constituição do conjunto documental: provável retirada de itens por pessoas que tiveram acesso ao acervo antes do seu transporte para a Universidade, na tentativa de manter um objeto de

rememoração; transporte inadequado e mal acondicionamento do acervo, que acabam por gerar perdas documentais; a própria organização do acervo, que o dividiu em três categorias (acervo bibliográfico, arquivístico e museológico) descaracterizando o conjunto documental, entre outras.

Outro ponto interessante no acervo da Dr.^a Judith Cortesão é a inexistência de documentos que remetam a detalhes de sua vida fora do Brasil. Uma hipótese é que trouxessem lembranças dolorosas dos períodos em que foi presa tanto em Portugal, quanto no Uruguai, pelos regimes ditatoriais desses países e que, por isso foram silenciados. Outra hipótese é justamente o fato de a professora ter morado em diversos países e estados do Brasil, e que essas inúmeras mudanças possam ter acarretado uma perda documental significativa aos seus papéis pessoais.

4. Considerações finais.

A partir dos temas abordados nesse artigo, cabe destacar a ideia de que os arquivos pessoais não são capazes de traduzir por completo a trajetória de vida de seu titular, pois existem diversos fatores internos (intenções do indivíduo, os diferentes momentos e situações em que os registros são gerados e acumulados) e externos (intervenção de familiares e amigos, acondicionamento, ordenamento, etc.) que irão influenciar diretamente a constituição do conjunto documental, para que, dessa forma, o pesquisador não seja traído pela “ilusão da totalidade” dos conjuntos documentais pessoais. No entanto, esses acervos constituem-se em valiosas fontes de documentação, servindo como suportes de memórias de seus titulares e suas representações.

Da mesma forma que não se pode considerar os arquivos pessoais como a totalidade da trajetória de vida ou “a” memória do seu autor, também as trajetórias de vida não podem ser considerados como tais pois são uma construção, uma visão do pesquisador sobre a vida do indivíduo pesquisado, a partir das documentos consultados e dos relatos obtidos.

No caso específico dessa pesquisa, o grande desafio está em (re)construir, mesmo que de forma não exaustiva, uma trajetória de vida tão múltipla quanto a da professora Judith Cortesão, a partir de uma documentação demasiadamente fragmentada.

Referências Bibliográficas

ANTIGOS estudantes ilustres da Universidade do Porto: Agostinho da Silva. 2010. Disponível em: <https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1004222>. Acesso em 25 nov. 2015.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>>. Acesso em: 24 fev. 2015.

AZEVEDO, Francisca L. Nogueira de. Biografia e gênero. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos et al (Org.). Questões de teoria e metodologia da História. Porto Alegre: UFRGS, 2000. p. 131-146.

BORN, Cláudia. Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. Sociologias, Porto Alegre, ano 3, n. 5, jan.-jun. 2001, p. 240-265.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). Usos & abusos da história oral. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 183-191.

BRASIL. Decreto nº 73.030, de 30 de outubro de 1973. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 30 out. 1973. Seção 1, parte 1, p. 11024-11025.

O BRASIL na Antártida. Manchete, Rio de Janeiro, n. 1608, p. 4-10, 12 fev. 1983.

CASTELLS, Manuel. A era da informação: economia, sociedade e cultura, vol. 2: O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CORTESÃO, Judith. Curriculum Vitae. [S.l.]: [s.n.], 1998.

DAUSIEN, Bettina. Biographie und geschlecht - zur biographischen konstruktion sozialer wirklichkeit in frauenlebensgeschichten. Bremen: Donat, 1996.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 59-87, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2060>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE. Contrato de pessoal por tempo determinado. Rio Grande, 1994.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. Pró-Reitoria Administrativa. MEMO No. 083/01 – PROAD. Rio Grande, 2001.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. Sala Verde Judith Cortesão: articulação e implementação de ações entre universidade, escola e comunidade – edital 1/2005/Ministério do Meio Ambiente. Rio Grande, 2005.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. Gabinete do Reitor. Ato Executivo nº 031, de 25 de agosto de 2006. Rio Grande, 2006.

GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998. Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2069>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

GONÇALVES, Daniel Nunes. Lições e histórias da matriarca da ecologia. Terra, São Paulo, ano 8, n. 4, ed. 84, p. 60-63, abr. 1999.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Trajetórias de vida: visibilizando e reconstruindo a história das mulheres. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 7., 2006, Florianópolis. Anais eletrônicos... Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/G/Goncalves-Lisboa_42_10.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2015.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 42-66, 1997. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2041>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

_____. De arquivo pessoal a patrimônio nacional: reflexões sobre a construção social do “legado” de Darcy Ribeiro. 2009. 247 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

_____. Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana (Org.). Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS. Portaria n. 271, de 30 de março de 2009. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 01 abr. 2009. Seção 1, p. 67.

MARRE, Jacques Léon. História de vida e método biográfico. Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 89-141, jan./jul. 1991.

MCKEMMISH, Sue. Evidence of me. The Australian Library Journal, v. 45, n. 3, p. 174-187, 1996. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00049670.1996.10755757>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

MENIN, Delza Rocha de Freitas. Ecologia de A a Z: pequeno dicionário de Ecologia. Porto Alegre, L&PM, 2000.

MINISTRO assina protocolo em RG. Correio do Povo, Porto Alegre, p. 16, 18 jun. 2003.

MORRE em Genebra a guardiã da natureza Judith Cortesão. Zero Hora, Porto Alegre, 26 set. 2007.

NAHAS, Patricia Viceconti. Brasil Arquitetura: memória e contemporaneidade. Um percurso do Sesc Pompéia ao Museu do Pão (1977 – 2008) - Volume II. 2008. 668 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. Descrição e pesquisa: reflexão em torno dos arquivos pessoais. Rio de Janeiro: Móbile, 2012.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. História Oral, Rio de Janeiro, v. 3, p. 117-127, 2000.

ROBBE-GRILLET, Allain. Le miroir qui revient. Paris: Minuit, 1984.

SANTOS, Klécio. A primeira-dama da ecologia: a portuguesa radicada em Rio Grande Judith Cortesão é hoje a mais ativa ecologista do país. Zero Hora, Porto Alegre, p. 47, 03 jul. 1999.

SCHAFFNER, Fábio. Uma das nossas maiores ambientalistas, a portuguesa Judith Cortesão, que vive na Praia do Cassino, domina 14 idiomas e escreveu 16 livros. Zero Hora, Porto Alegre, 08 set. 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE. Núcleo de Memória “Eng. Francisco Martins Bastos” (NUME). DE/PARA nº 033, de 11 de dezembro de 2008. Rio Grande, 2008.

VIANNA, Aurélio; LISSOVSKY, Maurício; SÁ, Paulo Sergio Moraes de. A vontade de guardar: lógica da acumulação em arquivos privados. Arquivos & Administração, Rio de Janeiro, v. 10-14, n. 2, p. 62-76, jul./dez. 1986. Disponível em: <http://www.aab.org.br/wp-content/uploads/2013/07/V10_14N21986-revista30.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2015.